

# A GUERRA E OS SISTEMAS DE DEFESA NA PENÍNSULA IBÉRICA

Lucas Vieira dos Santos<sup>1</sup>, Jaime Estevão dos Reis<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Graduado em História, Campus Maringá/PR, Universidade Estadual de Maringá – UEM. Pesquisador do LEM - Laboratório de Estudos Medievais. E-mail: lvieira1333@gmail.com

<sup>2</sup>Orientador, Doutor, Departamento de História, Universidade Estadual de Maringá. Coordenador do LEM - Laboratório de Estudos Medievais. E-mail: jaimeestevaoeis@hotmail.com

## RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi identificar de que modo as fontes analisadas nos viabilizam a compreensão de aspectos defensivos fundamentais no estudo das ações ofensivas das tropas expedicionárias ao longo dos confrontos liderados por Fernando III. Utilizamos duas crônicas medievais, a *Crónica Latina de los Reyes de Castilla* (1999) e a *Primera Crónica General de España* (1955). Por se tratar de fontes que abordam a temática da guerra, relatam os períodos de cerco dos inimigos, características de fortificações, os saques nos trajetos rumo aos enfrentamentos, dificuldades de abastecimento das hostes, questões sobre acampamentos em zonas de conflito e vários outros aspectos, optamos por elas. A discussão logística passa, necessariamente, pelo entendimento de técnicas que possibilitaram o sucesso militar dos exércitos cristãos diante dos elementos defensivos utilizados pelos muçulmanos que habitavam a região. Isto posto, as defesas, que se sobressaíam nos embates ao longo da Idade Média, foram exploradas com o intuito de elucidar não apenas os motivos de sua solidez, mas também de revelar de que modo impactaram a articulação dos ataques e investidas bélicas. Neste escrito, nos centraremos no ataque dos castelhanos à cidade de Sevilha.

**PALAVRAS-CHAVE:** Expedições militares; Fortificações; Idade Média.

## 1 INTRODUÇÃO

A convivência conflituosa entre cristãos e muçulmanos na Península Ibérica, iniciada no século VIII, fomentou a realização de diversas expedições militares no decorrer da Idade Média. As fontes que utilizaremos, a saber, a *Crónica Latina de los Reyes de Castilla* (1999) e a *Primera Crónica General de España* (1955), abordam algumas destas operações.

Fernando III, a partir de 1224, quando inicia a organização das suas expedições militares, passa a atuar de acordo com um modo de guerrear comum no decorrer do medievo. A logística utilizada por ele estava de acordo com a noção das guerras por tomada de posição. Como asseveram diversos especialistas, nestas campanhas, o grande objetivo seria conquistar pontos fortes e, a partir deles, articular novas ofensivas contra seus oponentes (JONES, 1999). Esta tática passou a ser empregada, sobretudo, em razão do desenvolvimento avançado das fortificações no período em relação aos aparatos ofensivos (GARCÍA FITZ; AYALA MARTÍNEZ; ALVIRA CABRER, 2018). Jan Frans Verbruggen (1997), grande medievalista belga, também dá destaque aos sistemas defensivos e reforça a superioridade deles.

Isto posto, a melhoria e a difusão das fortalezas por toda a Península Ibérica provocaram a predominância de uma guerra mais estática, o que reduziu significativamente a incidência de batalhas campais.

As hostes convocadas pelos reis ou senhores partiam, geralmente, para sitiar uma determinada fortaleza. Dentro do planejamento estratégico, as ações menores ou mais imediatas, cujo objetivo seria, por exemplo, atacar mantimentos inimigos ou saqueá-los, também eram importantes até mesmo como parte do desgaste necessário nos enfrentamentos. No entanto, como demonstram os casos das conquistas de Córdoba (1236) e Sevilha (1248), o bloqueio total dos oponentes se demonstrou um horizonte tático necessário, sobretudo em combinação com outros recursos técnico-militares.

Notamos, portanto, a predominância de uma logística de persistência e de uma estratégia de longo prazo nas operações bélicas. A conquista de regiões bem asseguradas, na maioria dos casos, resultava de uma soma de fatores desgastantes para os sitiados

(SOTO RODRIGUÉZ, 2011). Nas guerras de cerco, nas quais Fernando III e suas tropas garantiam o isolamento dos inimigos, a falta de mantimentos, a impossibilidade de socorro externo ou mesmo o bloqueio ao acesso a rios e lagos provocava, além da insustentabilidade física da resistência dos inimigos, um severo desgaste psicológico.

## 2 DESENVOLVIMENTO

Conforme citamos, os materiais utilizados foram a *Crónica Latina de los Reyes de Castilla* (1999) e a *Primera Crónica General de España* (1955). Acredita-se que ambos tenham sido produzidos no decorrer do século XIII. A primeira fonte, a qual nos referiremos pela sigla CLRC em diante, narra desde a vida do primeiro conde de Castela até a conquista de Córdoba por Fernando III em 1236. O texto conta com apontamentos sobre a realidade castelhana e peninsular, mas também expõe relatos sobre diferentes contextos históricos europeus. Quanto ao segundo material, que abreviaremos como PCGE a partir daqui, remonta ao passado da Antiguidade e se encerra com a morte de do rei supracitado em 1252. A fonte foi produzida a mando de Alfonso X (1221-1284) e contou com o auxílio de diversos especialistas.

Estes materiais demandam uma análise crítica que leve em conta suas particularidades tipológicas. Para José D'Assunção Barros (2019), as crônicas fazem parte das “fontes realistas”. Segundo ele, esse termo deriva do fato de que ainda que não representassem apenas fatos verdadeiros, os autores desses textos tinham intenção de provocar uma sensação de verdade no leitor. Assim, bem como as outras fontes realistas, a crônica dialoga com a invenção e a ficção, mas sem deixar de buscar representar a realidade.

Isto posto, defendemos que as crônicas, que em sua composição envolvem a articulação de uma cronologia estabelecida por seus autores, a delimitação do espaço geográfico ao qual irá se referir, a seleção de personagens e a utilização da intertextualidade (GUIMARÃES, 2012), são válidas para o uso do pesquisador que pretende atingir representações históricas do período medieval.

Apontamos ainda que a narrativização da experiência dos homens — por meio da qual uma sucessão de acontecimentos é articulada em um argumento — afasta os fatos relatados do que se compreende como real. Também a utilização de recursos discursivos dos cronistas aos tropos e figuras retóricas, tal qual a apelação a determinados modelos narrativos, como a anedota e a lenda, faz parte deste processo de narrativização. Contudo, estes elementos, ao articularem os fatos, dotam o acontecimento histórico de uma qualidade discursiva que a realidade não tem e, por isso, obstaculizam o valor de verdade dos episódios apresentados (FUNES, 2004). Postas as problemáticas do tipo de texto que nos serve de base analítica, apresentamos algumas discussões possíveis dentro da temática proposta.

Ainda que a construção de fortificações não fossem exclusividade da Idade Média, conforme mencionamos, as questões defensivas se destacam na abordagem da guerra medieval. A elaboração de muralhas mais altas, o domínio da terraplanagem e a utilização da água ao redor das defesas aumentaram significativamente a eficácia das defesas no período (BRADBURY, 2004).

Acompanhando as evoluções defensivas, a guerra foi adaptada a uma logística que derivou do estilo de combate romano. Uma vez que se defender era mais fácil do que atacar, os defensores se valiam do terreno favorável, moviam suas tropas protegidas pelas linhas de defesa e se preocupavam em cobrir pontos vulneráveis de suas fortificações.

Quem atacava, ao contrário, sofria com uma vulnerabilidade difícil de superar. Ao passo que as unidades ofensivas se dispersavam para avançar e ocupar diferentes frentes de ataque para efetuar o bloqueio por meio do cerco, acabavam se tornando alvos fáceis.

Por isso, o balanço ideal entre as estratégias defensivas e ofensivas definia as vitórias no período medieval (VERBRUGGEN, 1997).

De acordo com José Avelino Gutiérrez González (1992), as muralhas e castelos medievais eram estruturados a partir de uma arquitetura que levava em conta sua funcionalidade. Segundo o autor, ainda que as fortificações também fossem elaboradas por conta de processos sociais e acontecimentos políticos ou econômicos específicos, a preocupação em anular a principal arma medieval, a cavalaria, era central para os construtores. Além desta, a ameaça dos projéteis aumentava à medida que os maquinários como *balistas*, *trabucos* e *manganelas* eram aperfeiçoados (JONES, 1999).

O cuidado com a efetividade da defesa também foi relevante no processo de reforço da muralha de Sevilha, posto em prática pelos almôadas no século XII, por exemplo (O'CALLAGHAN, 2004). No caso da expedição militar realizada por Fernando III para a conquista da cidade, percebemos a aplicação prática das noções militares que expusemos acima. A começar pelos preparativos, afinal, se afirmamos que a tomada de posição era importante no período, o monarca demonstrou esta preocupação ao optar pelo início da investida direta somente após assegurar diversos pontos fortes nos arredores.

Como demonstra Francisco García Fítz (1998), os castelhanos tinham conquistado boa parte do Vale do Guadalquivir antes de marcharem para Sevilha. Segundo ele, Úbeda, Jaén, Garcíez, Jódar e Córdoba estavam entre os pontos fortes relevantes dominados para o avanço definitivo para a maior e última conquista da vida de Fernando III.

O emprego das estratégias de desgaste também ficou evidente no caso de Sevilha. Os cronistas expõem o ataque dos cristãos aos mantimentos dos sevilhanos, como pães e vinhos (PCGE, 1955). Em Jaén, o ataque aos mantimentos foi um recurso utilizado mesmo antes do planejamento da investida final (CLRC, 1999). Estas e diversas outras passagens dos materiais demonstram a recorrência da prática.

Conforme defendemos, a soma de técnicas militares dentro de uma estratégia de cerco era essencial para o sucesso em batalha, assim, no caso de Sevilha, percebemos que os exércitos de Fernando III estavam separados em múltiplas frentes buscando o isolamento completo da cidade.

Os guerreiros cristãos monitoravam uma área extensa. Do lado dos sitiados, o estreitamento do bloqueio causava desespero. Os muçulmanos respondiam com diversos ataques e chegaram a utilizar o fogo grego contra as embarcações castelhanas. Em função dessa medida de resistência, os invasores instalaram troncos altos de madeira que evitaram o contato e agressão direta dos inimigos (PCGE, 1955).

Após o bloqueio total que só foi possível com a chegada de reforços, as tropas de Fernando III conseguiram dominar Aljarefe e isolar os habitantes de Sevilha dentro de seus próprios muros (GARCÍA FÍTZ, 1998). Segundo Juan Carillo de Albornoz y Galbeño (1995), o cerco definitivo da cidade foi planejado em duas etapas: na primeira, os meios de produção foram destruídos sistematicamente; na segunda, as tropas deveriam bloquear todas as vias, terrestres e fluviais, para então assegurar o isolamento completo dos sevilhanos. Cumpridas as duas fases, a derrota dos muçulmanos se tornou questão de tempo. A vitória definitiva veio em 1248.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao estudar a guerra no reinado de Fernando III, nos deparamos com um monarca responsável por muitas conquistas diante dos muçulmanos. Neste sentido, uma vez que defendemos que os elementos defensivos costumavam se sobrepor aos recursos ofensivos na Idade Média, o entendimento de seus feitos nos possibilita a percepção de estratégias e técnicas militares bem aplicadas e potencializadas graças a outras táticas políticas que as complementaram e levaram à superação de tantos inimigos.

Recorremos ao estudo do caso de Sevilha para demonstrar a logística empregada por Fernando III em suas investidas. Como assevera Francisco García Fítz (1998), todas as ações políticas do rei desde 1224 até sua morte, foram pensadas de acordo com seu projeto de desestabilização da Andaluzia. Diante deste objetivo, o rei promoveu campanhas militares articuladas cuidadosamente para chegar a suas conquistas e, como resultado, tornou-se o maior reconquistador da Península Ibérica.

## REFERÊNCIAS

BREA, Luis Charlo (Org). **Crónica Latina de los Reyes de Castilla**. Madrid: Akal Ediciones, 1999.

MENÉNDEZ PIDAL, R. (Ed.). **Primera Crónica General de España que mandó componer Alfonso el Sabio y se continuaba bajo Sancho IV en 1289**. Madrid: Editorial Gredos, 1955.

ALBORNOZ Y GALBEÑO, Juan Carillo de. Fernando III. Sus campañas. *In: Fernando III y su época*. IV JORNADAS NACIONALES DE HISTORIA MILITAR. Sevilla, 1995, p. 137-157.

BARROS, J. A. **Fontes históricas**: introdução aos seus usos historiográficos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

BRADBURY, Jim. **The Routledge Companion to Medieval Warfare**. London and New York: Routledge, 2004.

FUNES, Leonardo. La crónica como hecho ideológico: el caso de la Estoria de España de Alfonso X. **La corónica**: A Journal of Medieval Hispanic Languages, Literatures, and Cultures, v. 32, n. 3, p. 69-89, 2004. DOI 10.1353.

GARCÍA FITZ, Francisco; AYALA MARTÍNEZ, Carlos de; ALVIRA CABRER, Martín. Castile-Leon. *In: GARCÍA FITZ, Francisco; MONTEIRO, João Gouveia (Ed.). War in the Iberian Peninsula, 700-1600*. Oxon/New York: Routledge, 2018, p. 54-94.

GARCÍA FITZ, Francisco. El cerco de Sevilla: Reflexiones Sobre la Guerra de Asedio en la Edad Media. *In: GONZÁLEZ JIMÉNEZ, Manuel (Coord.). Sevilla 1248*. Congreso Internacional Conmemorativo del 750 Aniversario de la Conquista de la Ciudad de Sevilla por Fernando III, Rey de Castilla y León. Sevilla, 1998, p. 115-154.

GUIMARÃES, Marcella Lopes. Crônica de um gênero histórico. **Revista Diálogos Mediterrânicos**, Paraná, n. Extra 2, p. 67-78, 2012.

GUTIÉRREZ GONZÁLEZ, José A. Castillos y Sistemas de Defensa en los Reinos de León y Castilla. *In: II Semana de Estudios Medievales*. Nájera: Instituto de Estudios Riojanos, 1992, p. 31-48.

JONES, Richard L. C. Fortifications and Sieges in Western Europe, c. 800-1450. *In: KEEN, Maurice (Ed.). Medieval Warfare: a history*. New York: Oxford University Press, 1999, p. 163-186.

O'CALLAGHAN, Joseph F. **Reconquest and Crusade in Medieval Spain**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2004.

SOTO RODRIGUEZ, José Antonio. El arte militar medieval: una mirada desde el siglo XI. **Tempo y Espacio**, Chillán, 26, p. 67-93, 2011.

VERBRUGGEN, J. F. **The Art of Warfare in Western Europe During the Middle Ages**. Woodbridge: The Boydell Press, 1997.